

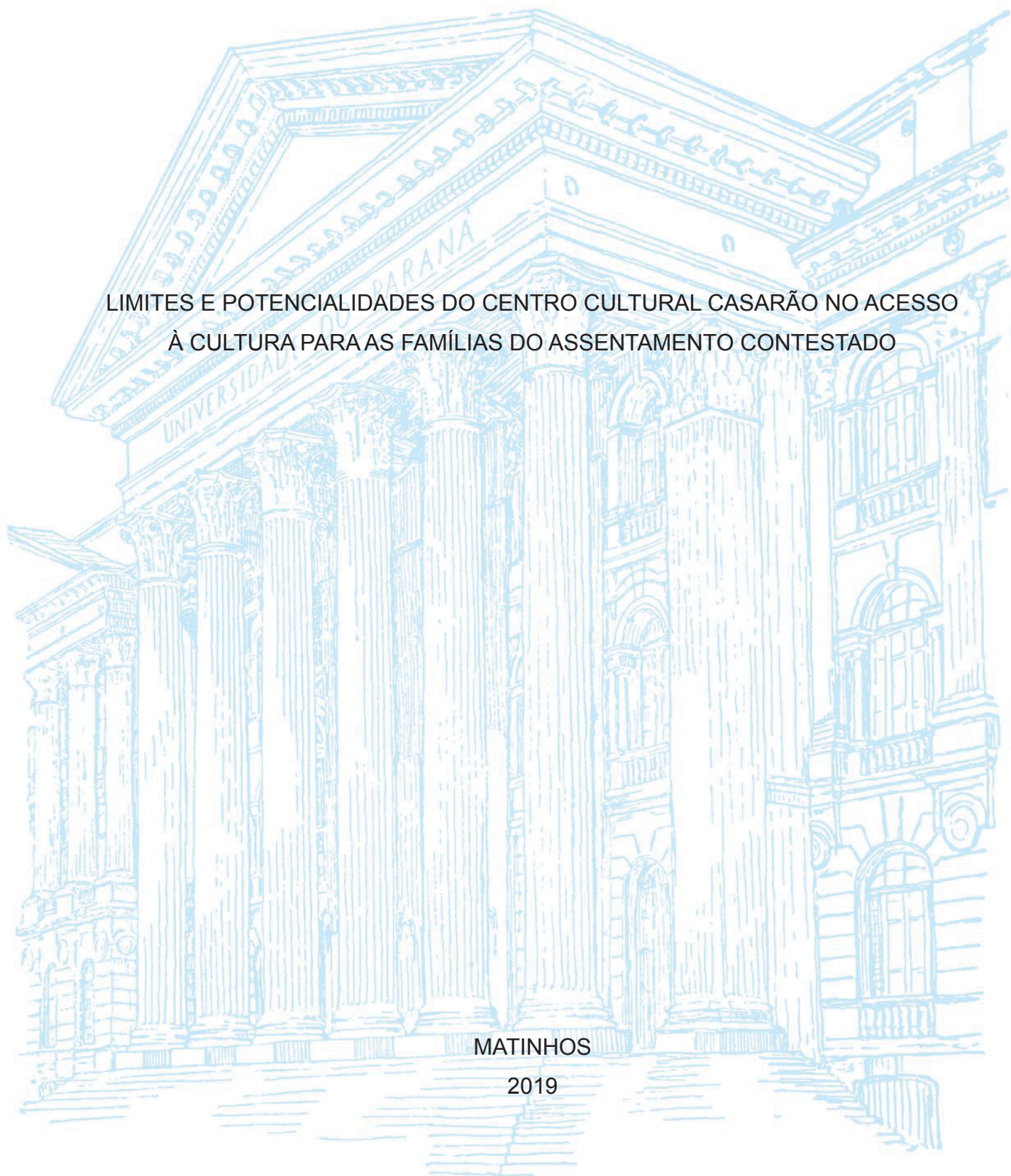
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CLAUDIA DOS SANTOS

LIMITES E POTENCIALIDADES DO CENTRO CULTURAL CASARÃO NO ACESSO
À CULTURA PARA AS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO CONTESTADO

MATINHOS

2019



ANA CLAUDIA DOS SANTOS

LIMITES E POTENCIALIDADES DO CENTRO CULTURAL CASARÃO NO ACESSO
À CULTURA PARA AS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO CONTESTADO

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a Partir de seus pensadores, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Andrea Francine Batista

MATINHOS

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SETOR LITORAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
 PENSADORES - 40001016329E1

ATA Nº 07

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE ESPECIALIZAÇÃO PARA A
 OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES**

No dia doze de outubro de dois mil e dezanove às 19:40 horas, na sala 23b, Rua Jaguariva, 512 ? Caiobá ? Matinhos - PR, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de monografia da discente **ANA CLÁUDIA DOS SANTOS**, intitulada: **Limites e Potencialidades do Centro Cultural Casarão no acesso à Cultura para as Famílias do Assentamento Contestado..** A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES, foi constituída pelos seguintes Membros: **ANDREA FRANCINE BATISTA** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), **SYLVIANE GUILHERME**, **LUIS EDUARDO CUNHA THOMASSIM** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de especialista está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **ANDREA FRANCINE BATISTA**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

ANDREA FRANCINE BATISTA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

SYLVIANE GUILHERME

Avaliador Interno

LUIS EDUARDO CUNHA THOMASSIM

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO.....	5
2 CAPÍTULO I: A CULTURA E A ARTE NO PROJETO DE REFORMA AGRÁRIA POPULAR DO MST	9
1.1 A Cultura e Arte no MST	15
3. CAPÍTULO II: O CENTRO CULTURAL CASARÃO NO ASSENTAMENTO CONTESTADO	20
4. CAPÍTULO III – POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO CENTRO CULTURAL CASARÃO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

OS LIMITES E POTENCIALIDADES DO CENTRO CULTURAL CASARÃO NO ACESSO À CULTURA PARA AS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO CONTESTADO

ANA CLAUDIA DOS SANTOS

RESUMO

Este trabalho traz elementos do aspecto histórico do Centro Cultural Casarão e seu papel estratégico e formativo na luta pela Reforma Agrária Popular, o primeiro espaço de Arte e Cultura de área de Reforma Agrária da região Sul do Brasil. Como este espaço veio se forjando nesses últimos períodos, se materializando como um espaço de acesso e produção artística para as famílias do Assentamento Contestado. A cultura como fundamental no processo de formação dos sujeitos Sem Terra, a Arte como um instrumento luta e resistência, frente a uma cultura hegemônica. Compreendemos que somos parte de uma cultura mais ampla, mas para nós a cultura é compreendida como tudo que envolve nosso modo de vida, e que possibilita a nossa existência, porém manter nossa existência enquanto sujeitos coletivos e culturais requer, resistir a hábitos individualistas, consumistas de valores racistas, homofóbicos e machistas, que não contribuem para o avanço da organização da vida cooperada e na construção da Reforma Agrária Popular.

Palavras-chave: Centro Cultural Casarão, Cultura Popular, Reforma Agrária Popular.

RESUMEN

Este trabajo aporta elementos del aspecto histórico del Centro Cultural Casarão y su papel estratégico y formativo en la lucha por la Reforma Agraria Popular, la primera área de Arte y Cultura del área de Reforma Agraria del sur de Brasil. Cómo se ha ido forjando este espacio en estos últimos períodos, materializándose como un espacio de acceso y producción artística para las familias del Arreglo en disputa. La cultura como fundamental en el proceso de formación de los sujetos sin tierra, el arte como instrumento de lucha y resistencia frente a una cultura hegemónica. Entendemos que

somos parte de una cultura más amplia, pero para nosotros la cultura se entiende como todo lo que involucra nuestra forma de vida, y que permite nuestra existencia, pero mantener nuestra existencia como sujetos colectivos y culturales requiere resistir hábitos individualistas y consumistas. valores racistas, homofóbicos y chovinistas, que no hacen nada para avanzar en la organización de la vida cooperativa y la construcción de la Reforma Agraria Popular.

Palabras-Clave: Centro Cultural Casarão, Cultura Popular, Reforma Agrária Popular.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho sistematiza alguns aspectos da proposta do Centro Cultural Casarão, localizado num território de Reforma Agrária, o Assentamento Contestado, município da Lapa, Paraná. A partir da vontade de compreender o seu papel no acesso à cultura para as famílias desse assentamento, buscamos refletir sobre como este espaço vem se colocando como um instrumento de luta e resistência no processo de enfrentamento à visão de arte como mercadoria e entretenimento.

O desenvolvimento do capital, mais precisamente o agronegócio, nega o campo como território de biodiversidade e de diversidade cultural, inclusive nas formas de realizar a agricultura. As formas de atuação do capitalismo no campo levam à padronização e à monocultura na produção, assim como na própria cultura da terra, estimulando à falta de cuidado e às relações nocivas e utilitárias estabelecidas com a natureza, bem como a perda da cultura da vida em toda sua biodiversidade no campo.

Um dos objetivos do desenvolvimento do capital no campo é realizar uma agricultura em larga escala com alta taxa de lucro concentrando-se cada vez mais nas mãos de algumas empresas transnacionais. Isso se materializa num campo sem camponeses e camponesas; numa cultura sem uma relação saudável e respeitosa com a natureza, transformando a terra em mercadoria. O capital transforma a cultura em negócio, e a terra é vista somente como forma de lucro e exploração. O capital vai destruindo a humanidade na medida em que destrói a terra e a biodiversidade que são bases da cultura camponesa.

O Enfrentamento permanente entre o Agronegócio e o Camponato é constante, fazendo com que a disputa territorial permaneça no cotidiano dos sujeitos sociais para além da conquista da terra. A cultura camponesa se traduz na materialidade das relações estabelecidas entre sujeitos-natureza, a cultura como um elemento muito mais amplo, são os costumes, as relações que as pessoas estabelecem e constrói entre si, em diversos territórios, tempo histórico, variando também com o modo de vida, modo de comer, vestir, falar e ser. Desde que nascemos somos condicionados a viver em uma determinada cultura. A cultura do camponês se constrói a partir de muitos elementos da realidade, da conquista do território, das transformações decorrentes dele, a sua produção e reprodução, a sua relação com a natureza, sua relação consigo mesmo, ou seja, em toda sua base cultural, se constituindo junto com os processos da luta estabelecendo as novas relações políticas, culturais e econômicas, que começam a ser experimentados.

O projeto de cultura do agronegócio é voltado para a indústria cultural, com a mesma lógica capitalista de produção de mercadoria em escala, comercializando a produção cultural como a dança, música, teatro, cinema, jornais, etc., incorporando e implantando padrões culturais carregados de racismo, discriminação, individualismo, consumismo e machismo. O capital aliena o trabalhador, descaracteriza e desumaniza todo o processo produtivo, aniquilando dos trabalhadores a cultura que produzem. Com o objetivo de transformar em cada vez mais mercadoria entregando tudo a indústria o produto da humanidade, utilizando disso como uma forma de dominação. O agronegócio formula muito bem sua cultura, apostando nas propagandas de massa, como por exemplo: as campanhas do “Agro e PoP, Agro é Tec, Agro é tudo”; cartilhas nas escolas como o Agrinho; cartilhas e materiais de “apoio” nos cursos técnicos e profissionalizantes, projetos como da Syngenta; a propagação de uma tendência sertaneja “o Universitário”; as grandes festas de peão, cowboy, os famosos “Cabarés Sertanejos”; todas essas expressões vem cristalizando no senso comum a ideologia do agronegócio com o objetivo de consolidar uma cultura hegemônica.

Neste sentido, podemos perceber que devido à hegemonia do capital no campo, o mesmo vem cumprindo sua função de subsunção da vida e da forma de produção camponesa sob a lógica geral de seu desenvolvimento. A atuação do capital submete outras formas de produção de vida e de cultura não capitalistas sob sua lógica geral. Tem a ver com o entendimento do capitalismo em sua totalidade. A subsunção do camponês, ou ainda da exploração capitalista dos camponeses se

materializa no preço do produto diante da concorrência do mercado, mas também se expressa quando o camponês se integra na grande produção através de arrendamento de suas terras para soja, ou eucalipto, ou ainda na produção de fumo ou de frangos. No caso de nossas áreas de assentamento ocorrem especialmente através do arrendamento. No caso de nosso tema de estudo, há uma outra conotação também para a subsunção, caracterizando não somente sua dimensão econômica, mas se materializa através da influência da indústria cultural também no campo, no uso de venenos. E mesmo diante dessas ofensivas do capital, há resistência a esta cultura, desde os movimentos sociais do campo que lutam pela terra e pela vida no campo

No caso do Assentamento Contestado, percebemos que a forma capitalista de conceber o campo entra diariamente através dos meios de comunicação. A TV como o principal meio de acesso a conteúdo, que a indústria cultural, se utiliza para manipular e alienar os sujeitos, pois está a serviço do agronegócio reproduzindo novas formas de dominação das massas.

As músicas com seus conteúdos racistas e machistas vêm cada vez ganhando mais espaço. A dificuldade em acessar outras linguagens artísticas como teatro, cinema, dança, artes visuais também é um fator que limita o processo de formação e emancipação cultural dos sujeitos que vivem no campo.

É nesse sentido, que compreendemos haver uma grande potencialidade do Centro Cultural Casarão, que localizado no campo abre possibilidades para ser um espaço pulsante de uma nova cultura, que através das diferentes linguagens artísticas pode possibilitar experiências concretas de uma cultura camponesa de resistência, fundada nas bases da vida, da biodiversidade e da emancipação humana, conseqüentemente contrapondo a hegemonia capitalista no campo.

É necessário aprofundar teoricamente de que forma as contradições que emergem na sociedade capitalista afetam o processo de produção e reprodução da vida e como a organização e o papel do Centro Cultural Casarão contribuído na formação de relações e valores contra a lógica do capital.

Levando em consideração o vínculo orgânico da pesquisadora com o tema de estudo, consideramos que este artigo é resultado de uma pesquisa ação, onde a problematização, a análise e a reflexão no decorrer da pesquisa se deram através das seguintes questões: As ações coletivas desenvolvidas pelo coletivo de cultura do Assentamento refletem os ideais da proposta de construção da Reforma Agrária

Popular? A organização da cultura no Assentamento contribui no enfrentamento às relações capitalistas? De onde parte a decisão de criar, manter e fortalecer o coletivo que acompanha o Centro Cultural Casarão?

Os esforços para realização desta investigação iniciaram com um levantamento bibliográfico concernente aos assuntos que perpassam o tema desta pesquisa, partindo do referencial marxista, particularmente sobre as categorias centrais: a cultura e a arte.

Quanto aos procedimentos metodológicos articulados ao processo de investigação científica, nos inspiramos no método dialético vinculado à corrente filosófica do materialismo histórico dialético, enquanto base para uma interpretação dinâmica e da totalidade da realidade. (GIL, 2008).

Relacionado ao necessário rigor científico, Minayo (2001) reforça que a metodologia compreende muito mais que técnicas, mas sim a articulação da teoria, da realidade dos pensamentos sobre a realidade. Sob essa ótica, a metodologia inclui simultaneamente a concepção filosófica, o método, os instrumentos de aproximação do conhecimento, e a criatividade do pesquisador. Consideramos por fim, que a pesquisa que originou este trabalho compreender uma pesquisa qualitativa, baseada na pesquisa bibliográfica, e na pesquisa de campo. Como parte da pesquisa de campo, foram realizados: o inventário da realidade; a pesquisa documental; a observação participativa com registro das vivências cotidianas na construção orgânica do Centro cultural Casarão.

Considerando a importância dessa pesquisa para o território dos sujeitos coletivos envolvidos, esta investigação está orientada na abordagem da pesquisa qualitativa, na construção de processos de reflexão e análise da realidade do Assentamento.

O território investigado trata-se de um Assentamento de área de Reforma Agrária, onde as famílias se organizam de forma individual nas suas unidades produtivas.

CAPÍTULO I: A CULTURA E A ARTE NO PROJETO DE REFORMA AGRÁRIA POPULAR DO MST

*Não pediremos esmolas ao tempo!
Nós, cada um de nós,
temos na mão as rédeas de todos os mundos!
(Maiakovski)*

*"Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar.
É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário.
E agora não contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria,
o pensamento, que só à humanidade pertence."
(Bertold Brecht)*

As áreas de Reforma Agrária, conquistadas através das lutas dos camponeses e camponesas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vivenciam diariamente um processo constante de disputa territorial contra o agronegócio. Para compreendermos melhor quais os aspectos dessa disputa são importantes entender estes espaços e que a luta não se dá somente pela terra e pelos meios de produção, mas sim também contra aos padrões hegemônicos formados pela cultura capitalista. Eis aqui nosso anseio de analisá-los como territórios culturais no que diz respeito à produção e reprodução da vida.

A luta pelos territórios ocorre na luta pelos direitos dos camponeses ao uso da terra, e por uma sociedade mais justa e igualitária. Mas os padrões e modelos de relações sociais impostas pelo mercado através do grande capital e suas formas de atuação buscam impor sua visão hegemônica dentro dos nossos territórios já conquistados.

A disputa vai muito além da terra, pois para ter e manter a hegemonia o sistema capitalista necessita avançar para outras dimensões que não estritamente a econômica e que estão em disputa como a educação, a saúde e a cultura. Assim, vai consolidando as várias facetas na constituição da hegemonia, consolidando seu projeto político, e buscando construir inter-relações e articulações entre as várias forças materiais e imateriais no seio das contradições das classes sociais com o objetivo de manter sempre o controle hegemônico.

A dominação de uma classe sobre a outra, através das relações econômicas capitalistas não são suficientes para dominar a sociedade. A dominação também se dá por outros mecanismos como o convencimento, a manipulação, o direcionamento e a naturalização do sistema imposto às classes dominadas. Os padrões hegemônicos buscam “representar” uma realidade de maneira ofuscada através dos meios de comunicação de massa, igrejas, educação, e da indústria cultural, difundindo sua ideologia dominante, tornando-se poderosos instrumentos da dominação de classe.

Na condição de dominados, os trabalhadores e trabalhadoras vão sendo massacrados, manipulados e desagregados de sua própria identidade, de suas raízes, de sua história. Se não compreendermos o mundo com um olhar crítico e coerente, somos submetidos a aumentar as estatísticas dos chamados “homens-massa” (GRAMSCI, 2001).

Mas é importante compreendermos que a própria debilidade e contradições deste sistema hegemônico possibilitam o surgimento de grupos organizados que resistem, lutam por seus direitos e pelo fim do modelo capitalista de produção e reprodução da vida, no anseio de constituírem forças contra-hegemônicas. De acordo com Gramsci (2001) a luta pela hegemonia está diretamente ligada ao controle da direção da hegemonia, que necessariamente perpassa pelo processo de educação política, pela transformação do homem-massa em homem-coletivo, este último, assumindo seu papel de sujeito da própria história.

Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta, de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. (GRAMSCI, 2001, p. 94).

Quando o Movimento Sem Terra na luta de classes se organiza por um novo projeto de campo – um projeto popular de campo, busca o desenvolvimento da consciência política na perspectiva da conquista da terra, porém as disputas acirradas nos diferentes espaços nos remetem a pensar e a refletir o que compreendemos por territórios e o que está em disputa nesse território. O acesso a uma educação pública

e de qualidade no e do campo, e o acesso e produção de bens culturais, são exemplos disso.

A negação do acesso à educação e cultura impõe à classe trabalhadora uma condição de subalternidade, impedindo-lhe que constitua uma nova cultura. Ao nos questionarmos sobre a construção de uma nova cultura decorrente de um projeto popular para a cultura que tenha como papel principal desconstruir o domínio ideológico da classe dominante, devemos destacar que é na luta contra-hegemônica que se darão essas mudanças. A superação das contradições fundamentais do sistema capitalista ocorrerá a partir da luta coletiva das classes trabalhadoras, e no caso do campo dos diversos povos que no campo vivem, que vão forjando suas identidades na medida em que constroem um novo projeto de vida, um novo projeto de campo, uma nova cultura.

Nessa perspectiva de combate aos padrões hegemônicos de dominação, articular e construir novos modos de pensar, elaborar novas formas de organização social na busca de construir outro mundo, a organização política e a formação dos sujeitos possibilitam que estes sejam capazes de produzir um processo contra-hegemônico.

Para o autor Antônio Gramsci (2001), a construção de uma nova hegemonia necessariamente ocorre através da organização da sociedade civil e não apenas através da atuação da sociedade política (Estado), embora seja esse um espaço fundamental e articulador das mudanças, quando sob governos que se predispõe a atuarem nesse sentido. Assim, o papel da organização social nessa direção, só se dá a partir do aprofundamento e conhecimento da realidade, bem como da luta constante, processos estes que combinados simultaneamente agem na transformação social e na transformação da consciência de classe do sujeito. Em suas palavras, a “crítica real da racionalidade e historicidade dos modos de pensar” através do exercício das práxis, da articulação teoria e prática. (GRAMSCI, 2001, p. 95)

No andar da história, diversas lutas e experiências de organização foram criadas pela garantia dos direitos sociais e humanas nas várias dimensões da vida social, acumulando forças políticas para a formação e organização das massas populares. O MST é fruto também dessa trajetória, surge na luta dos camponeses e camponesas em garantir a própria sobrevivência através do acesso a terra e pela efetivação de uma Reforma Agrária, mas também, como um compromisso de herança cultural na continuidade da luta pela terra travadas por organizações sociais e

movimentos populares em outros momentos e contextos políticos e históricos da humanidade.

Atualmente, o MST luta pela terra, pela Reforma Agrária Popular e pela transformação da sociedade. O MST caracteriza a Reforma Agrária Popular como parte fundamental de um caminho para a transformação social. Compreende que Reforma Agrária Popular é um projeto de sociedade, muito além da democratização da terra, mas também um espaço de vivência social, de produção e reprodução da vida norteada pela construção de um novo modelo tendo como estratégicas a contraposição ao agronegócio para o campo brasileiro, sendo assim construindo suas matrizes formativas como a Agroecologia. O projeto da Reforma Agrária Popular articula produção, cultura, educação, saúde, entre tantas outras questões.

Nessa perspectiva, a construção da identidade cultural Sem Terra exigiu necessariamente também o avanço no processo de formação da consciência objetivando a construção de novos sujeitos sociais, através do resgate dessa herança cultural dessas lutas históricas que o antecedeu, e de um longo processo de territorialização, de ressignificação sócio-cultural da terra, do sentido comunitário e da luta coletiva por direitos, forjando uma consciência social.

Assim, a cultura se expressa de diferentes formas, inclusive nos processos de consciência. Como aponta Bezerra (2006), “Cada modo de produção produz sua cultura, que se coloca como reflexo destas relações produtivas, como um universo capaz de conter as características e as contradições originárias destas relações”. (BEZERRA, 2006, p. 24). E se voltarmos o olhar a dinâmica interna de um movimento social como o MST, através desses processos sócio-culturais que acima mencionamos, vão se produzindo as condições objetivas para a construção de uma nova cultura, embora essa não seja imune às contradições da ordem capitalista e suas consequências. Podemos afirmar que é nas contradições da velha ordem, da velha cultura que se constroem as condições em germen de uma nova sociedade, de uma nova cultura. Contradições essas que visivelmente se expressam nas áreas de assentamento da reforma agrária, territórios em constante luta contra as consequências do capital no campo.

Podemos perceber, sob o aspecto da cultura, a partir de uma perspectiva antropológica que os Sem Terra buscam construir outra forma de vida, que parte da conquista da terra e do direito de nela viver para trabalhar, mas que vai muito além

dessas bases. A organização do modo de produzir a vida exige a organização de outras dimensões da vida.

É necessário estar atento a todo o momento para observar que na vida social o poder hegemônico busca uma fragmentação mascarada entre cultura, política, modos de produção e consciência. É necessário desconstruir essa ideia, pois não cabe compreender essas dimensões desconectadas na organização da vida social. E como mecanismo de desconstrução dessas ideias equivocadas cabe realizar enfrentamentos, projetar e criar formas de vida, que no caso do MST, estão contidas em suas linhas políticas.

Lutar pelo resgate histórico e por uma nova cultura que se contraponha à hegemonia capitalista, leva consigo um dilema crucial, o de que ao mesmo tempo em que constrói processos importantíssimos de acesso à terra, de formas de produção que respeitem a biodiversidade e a natureza, da produção de uma nova cultura no campo, estas experiências encontram-se contidas numa sociedade subordinada à hegemonia do sistema capitalista. É impossível pensarmos em transformações na esfera do trabalho, sem levarmos em conta a configuração cultural e política da sociedade como um todo.

O MST, em seu desenvolvimento histórico e político, constrói uma práxis pedagógica a partir de processos de luta pela terra, das ações e experiências contidas nele que se tornam resistência, tornam-se ações contra-hegemônicas, tencionando nas contradições do sistema a possibilidade de construir o novo. Caldart (2004), afirma que:

[...] onde este fazer político baseia-se nos ideais da igualdade e justiça social, na construção de práticas culturais e educativas que assentem novas relações entre o ser humano e a natureza, e as relações de trabalho que superem a exploração e a alienação. Este processo como forma de contestação adquire força cultural e simbólica, porque suas ações se enraízam em uma questão social que é forte e justa. (CALDART, 2004, p. 22).

Nos processos de luta e resistência contra a ofensiva do capital, o MST, através de sua capacidade organizativa e de processos de formação, concentra-se na construção de formas de produzir a vida no campo que diferem do modelo proposto pelo agronegócio. Em seus territórios, passam a ser construídas novas práticas tanto de trabalho quanto de relações sociais, na existência individual e coletiva. Essas linhas políticas, definidas pelo MST, têm como objetivo contribuir na formação de um

território para o avanço do desenvolvimento humano de forma integral, conectando as diversas esferas da vida, entre elas, a dimensão cultural e a matriz tecnológica de produção, a agroecologia¹.

Podemos afirmar que, para o MST, o assentamento deve ser um território de luta e resistência cultural, que inicia pelo acampamento, primeiro espaço de formação política e humana. O acampamento tem como principal objetivo dar início aos passos na construção de novas práticas sociais e valores humanistas, a fim de fortalecer o exercício de ações, para a elevação do nível de consciência dos sujeitos do seu território. A formação do Movimento Sem Terra está articulada a práticas e valores do cotidiano, construindo e interligando os vários tipos de formação da consciência, sendo ela política, ideológica, agrícola, pedagógica, artística. O assentamento é um território conquistado e forjado a partir da luta, do dia a dia das famílias, através das relações estabelecidas pelos sujeitos deste espaço, a partir da identidade coletiva, das heranças culturais trazidas e acumuladas desde antes e durante o processo de acampamento.

Estes sujeitos de nome Sem Terra estão cercados pelas relações da sociedade do capital, que se estabelecem a partir das contradições entre a projeção de um novo modo de vida e a luta pela sobrevivência no campo, neste sentido o assentamento significa a consolidação não apenas no campo simbólico, mas sim o da materialização das lutas de resistência nos territórios em disputa. Cabe ressaltar que depois da conquista da terra é mais que necessário buscar formas de viabilizar a vida no campo: a partir da luta por direitos, através das políticas públicas e auto-organização coletiva, no exercício constante de se fixar como sujeitos construtores de sua própria história.

Para pensar cultura como forma de organização da vida, é necessário compreendê-la na relação com os modos de produção e seus processos históricos. É importante também analisar as relações culturais e seus conceitos, para que o Movimento avance na construção e compreensão conceitual de cultura.

¹ Segundo Caporal e Azevedo (2011), a agroecologia se consolida em seu enfoque científico na medida em que “se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas mais sustentáveis, mas também processos mais humanizados de desenvolvimento rural [...]”. (CAPORAL e AZEVEDO, 2011, p. 94).

Não pretendemos nesse artigo fazer uma revisão histórica sobre o conceito de cultura, mas sim um recorte de análise trazendo alguns elementos sobre a cultura no MST e o “Centro Cultural Casarão” (Assentamento Contestado) como um dos espaços de materialização desta construção. As aproximações acerca da discussão e formulação do conceito de cultura para o MST não pretendem dar conta de toda a complexidade que formam essa construção, mas centraremos nas perspectivas e linhas políticas para a cultura sistematizadas pelo Coletivo Nacional de Cultura do MST, como aspectos articuladores do debate que aqui pretendemos.

1.1. A Cultura e Arte no MST

Qual é a importância que a cultura tem dentro do MST? O que o Movimento vem entendendo por cultura? Que papel tem a cultura para a formação política dos sujeitos sociais em seus territórios? Estas questões não são simples de encontrar respostas, provavelmente não encontraremos uma resposta única para cada questão, mas aqui desenvolvemos um exercício de reflexão.

O MST vem buscando construir caminhos de rompimento da lógica capitalista através de implementação de novas formas de vida dentro dos assentamentos e acampamentos. Estas novas formas têm como base processos de organização social e política, que ocorrem desde o acampamento, em todas as esferas da vida: criação e gestão de associações, cooperativas; criação de escolas; atividades culturais; práticas alternativas de saúde; etc. Esta trajetória vivida por quem participa do MST não se dá sem as contradições e conflitos da vida cotidiana. O caminhar das lutas vai exigindo dos Sem Terra respostas novas, alternativas de organização, estratégias de luta que lhes impõe reflexões e ações políticas cada vez mais profundas.

Nesta perspectiva Caldart (2004) afirma que:

E neste processo vive entre as concepções que vai produzindo na luta e toda uma tradição que carrega: tradição que implica por um lado no retorno crítico ao passado, mas que, por outro lado, é reflexo da alienação política e cultural que lhe foi impingida pelo sistema capitalista em que é marginalizado, mas ao qual não é imune. (CALDART, 2004, p. 76).

O desenvolvimento deste novo sujeito sociocultural vem se forjando nos processos de formação permanentes, nos espaços de acampamentos e assentamentos, na luta diária, em processos de organização da coletividade. Porém,

para o MST, a cooperação, a coletividade, deve estar voltada a atingir objetivos políticos e econômicos, deve impulsionar valores humanos articulados às necessidades humanas, culturais, artísticas, educativas, e etc. A experiência de formação coletiva dentro do ponto de vista cultural se dá na busca de construir uma consciência política crítica, que fortaleça valores humanos na materialidade da luta travada pela classe trabalhadora, como o cuidado, o respeito, a solidariedade, e a coletividade. A importância da elevação da consciência para criação de novos sujeitos e da construção de uma nova cultura são fundamentais para a emancipação humana.

A idealização da construção desta nova cultura nos remete fortemente a consciência estética e artística que foi combinando com o desenvolvimento do próprio Movimento, na medida em que o MST foi se construindo como referência de luta social, acumulando força cultural e simbólica. Os símbolos e a simbologia da luta social vão se materializando também na forma de arte. A nossa consciência estética, o desenvolvimento da sensibilidade, vai se construindo a partir da formação política dentro do cerne da própria organização, onde os sujeitos vivenciam os fatos políticos na realidade concreta, em seus territórios. Esta consciência, construída inclusive nas projeções do novo, possui uma dimensão simbólica que é produzida coletivamente, a partir da utopia, do poder criativo e da representação no agora o que se espera do futuro. Aqui, nos referimos à mística², realizada nos diferentes espaços do MST, e que busca expressar uma nova cultura, bem como a própria consciência estética coletiva em construção.

Ademar Bogo (2009) aponta diante disso que:

[...] a utopia é o pilar do combustível que alimenta o motor dessa revolução. Os passos dados emanam energia que incentivam a seguir em frente. A razão desse caminho está na causa consciente gestada coletivamente. Sendo assim, a energia, como vontade e satisfação, vem da própria realização. (BOGO, 2009, p. 95)

Podemos observar que desde as primeiras produções criadas por militantes do MST, estão presentes uma estética fundada na realidade em que trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra lutam por igualdade, justiça, pela conquista da terra, como

² Mística pode ser definida como uma forma de manifestação política e artística que herdamos das manifestações estéticas religiosas, e está presente no MST desde seu surgimento. Com o passar do tempo, o movimento foi trabalhando-a, atribuindo a ela novas formas, significados e funções. A mística é uma forma de intervenção plural, em que todas as linguagens artísticas podem ser trabalhadas em conjunto. Todas as pessoas podem participar da mística, pois ela não é uma atividade específica de um setor ou coletivo. (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA)

forma de sobrevivência e viabilização da vida no campo da auto sustentação e a comercialização da produção excedente. O “mundo da cultura” nos remete necessariamente, à ordem simbólica, refere-se ao sentido que o homem historicamente atribui aos diversos elementos da sua vida social, de reflexão e de crítica de sua vida social, de suas relações com a natureza e com os outros homens. (BEZERRA, 2006, p. 31).

O MST ao longo de seus 35 anos de lutas e conquistas foi se organizando de acordo com suas possibilidades e necessidades. Nos primeiros anos de sua existência, não existia um setor de cultura para tratar questões referentes a este tema, entretanto, no decorrer de sua caminhada, se fez necessário consolidar um coletivo que aprofundasse a discussão bem como estratégias para o avanço cultural nas áreas de assentamento e acampamento. Entre tantas necessidades, fez-se necessário, a organização interna do movimento consolidar equipes de atuação em determinadas frentes estratégicas. Primeiramente surgem os setores, como o setor de educação, o setor de produção, o setor de saúde, o setor de frente de Massas. Surgem também, em determinado momento os coletivos, como por exemplo, o coletivo de Cultura. O coletivo é uma instância orgânica do MST, que é composto por um grupo menor de pessoas em comparação aos setores, e tem por finalidade compreender, acompanhar, coordenar e construir espaços, aprofundar estudos e discussões sobre determinadas questões que emergem das contradições da luta de classe e necessitam ser tratados no interior da organização. Como exemplos, temos o coletivo de juventude e o coletivo de cultura. Diferentemente, os setores são mais amplos, que possam visualizar e atuar de maneira mais enraizada sobre uma tarefa ou uma função organizativa.

Um documento do Coletivo Nacional de Cultura explica como foi sua origem:

O Coletivo de Cultura é um dos mais recentes setores organizados do MST. Anteriormente, os debates de temas relacionados à cultura ocorriam no interior do Coletivo de Educação. O Coletivo de Cultura emergiu, de fato, em 1996 com uma oficina de música realizada em Brasília.

Após essa oficina foram realizadas atividades e seminários em que começaram as primeiras discussões sobre o papel da cultura dentro do MST. Em 1998 e 1999, foram realizados dois seminários sobre o tema, e o Coletivo de Cultura começou a organizar-se efetivamente, com militantes dos estados que desenvolviam habilidades artísticas, em suas diferentes linguagens. (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST, 2018, p.1)

Com desenvolvimento do capitalismo nesses últimos anos, assumindo a forma de agronegócio, por meio das empresas transnacionais ligadas ao capital

financeiro, objetivam concentrar ainda mais as terras e os recursos naturais. O agronegócio vem como uma força universal, e para contrapor a este projeto de campo, o MST vem construindo um projeto popular para o campo, um projeto calcado na proposta da Reforma Agrária Popular.

A Reforma Agrária Popular carrega elementos centrais da cultura em suas várias dimensões. O MST vem propondo uma transformação dos padrões culturais para os sujeitos Sem Terra e para toda a sociedade. Essa “revolução cultural” vem enfrentar as formas de atuação do capital nas diferentes dimensões da vida. O Movimento Sem terra percebe a cultura como uma frente estratégia na luta de classes, na luta pela Reforma Agrária.

Ao longo dos anos esse movimento vem construindo concepções que orientam suas ações, o que vai inclusive legitimando suas ações coletivas junto aos sujeitos que dele fazem parte, e também perante a sociedade. Pois sabemos que as palavras, e que os símbolos carregam fortes significados fazem todo sentido na luta de classe e na construção de uma nova sociedade, e de uma nova cultura.

A palavra cultura pode ter vários significados. É uma categoria de análise em constante movimento, que vem se transformando com o desenvolvimento da humanidade. A palavra Cultura é de origem latina, *colore*, que significa “cultivar, criar, tomar conta, cuidar” (CHAUÍ, 1997, p.292).

Para o MST, a cultura no campo tem uma especificidade:

A origem da palavra cultura está ligada à vida do rural, ao campo. A palavra significava ocupar a terra, trabalhar na terra, viver na terra. Ocupar a terra é um ato cultural. Ocupar a terra e nela produzir a vida está na origem da agricultura, O agricultor cultiva o campo e cultivar é o trabalho de produzir uma cultura, como uma cultura de cereais, como uma cultura de trigo. O termo que está na origem da palavra cultura também estava ligada à proteção e ao cuidado. O agricultor também protege, cuida da natureza, cuida das plantas, cuida dos animais como na apicultura, na psicultura, na suinocultura e na bovinocultura. (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST, 2018, p. 10)

Nesse sentido, a palavra cultura é muito importante e deve ser tomada como ponto de partida. Sua origem vinculada ao cultivo da terra, decorrente inclusive no processo do trabalho. Na história da humanidade a divisão social do trabalho emergiu justamente do processo de descoberta da agricultura. Bogo (2009) aponta que “então chegamos a uma conclusão muito simples: que cultura, trabalho e existência estão interligados. Por isso definimos primeiramente a cultura como sendo tudo o que fazemos para produzir nossa existência” (BOGO, Ademar, 2009, p. 21).

Cultura também é criatividade, pois nela está presente nossa capacidade de imaginação. Quando desenvolvemos nossas ações também estão presentes, além do emprego da força física, a força espiritual. Neste sentido, cultura representa tudo que pensamos, fazemos e sentimos para produzir nossa própria existência.

Podemos perceber que a relação entre a terra e cultura sempre esteve diretamente ligada à luta de classe e seus processos tanto políticos quanto econômicos. A cultura sempre esteve num amplo campo de disputa, tanto em seus significados, concepções até o modo em que os sujeitos produzem sua existência, seu modo de vida. A cultura não se separa dos outros aspectos da vida, nem ao longo da história nem nos dias atuais. Na atualidade aparece ainda mais forte e presente como uma bandeira de luta a ser incorporada pela classe trabalhadora.

Uma das expressões da cultura é a arte. A arte, na luta de classes no campo, vem se enraizando a partir das produções simbólicas, como: canções, artes plásticas (painéis, murais e grafites), histórias e memórias da luta pela terra através da literatura, a poesia da terra, as danças.

[...] os cantos de trabalho surgem da vida coletiva e estabelecem relações com a história, com a memória. Dá mesma forma, quando cantamos a Internacional ou o Hino do nosso movimento, estamos nos enraizando na história da classe trabalhadora e na experiência de nosso grupo, de nosso movimento. Os símbolos como a bandeira do Movimento, nos ligam à coletividade, os símbolos se inserem em nossas relações sociais e passam a atribuir significados a elas, convertem-se em mediações simbólicas que constituem os sentidos das ações posturas e comportamentos. (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST, 2005, p. 13)

Diante do que discorreremos até então, podemos reforçar que o Projeto de Reforma Agrária Popular pressupõe que os camponeses e camponesas possam produzir sua própria cultura, sua própria arte, e que estas, como formas e expressões de sua luta possam contribuir para a emancipação humana. A Arte como um instrumento político de luta e resistência tem uma intencionalidade e capacidade transformadora, pois se caracteriza como uma dimensão da cultura. Essa cultura que há pouco refletíamos como sendo a expressão de tudo o que se produz para a existência humana, na transformação da natureza através esforço humano e que faz sentido de existir. Desde a produção material da existência, como a produção de ideias, representações, linguagem, e da própria consciência fazendo-se social.

A cultura se apresenta como um elemento de luta. A classe trabalhadora mais que qualquer outra precisa rever e repensar que cultura representa sua luta, sua

identidade, inclusive o modo como estes se relacionam com os outros sujeitos para a produção da vida e da existência (as relações sociais), e as relações de gênero. Na construção de uma nova cultura, de uma cultura popular camponesa, há elementos que precisam ser resinificados, quando tratamos de um processo de emancipação humana.

CAPITULO II: O CENTRO CULTURAL CASARÃO NO ASSENTAMENTO CONTESTADO

Na luta de classes todas as armas são
boas: pedras noites e poemas
Paulo Leminski

Este capítulo trás de forma breve os processos históricos da construção e desenvolvimento da comunidade onde está localizado o Centro Cultural Casarão, as escritas aqui sistematizadas e resultado de uma pesquisa coletiva realizada por coletivo da comunidade, que durante o processo do Curso construiu coletivamente um breve inventário com informações, dados da comunidade. “O Assentamento Contestado está localizado na antiga Fazenda Bom Jardim, posteriormente denominada como Fazenda Santa Amélia. A fazenda pertenceu desde o século XVIII, à família Pacheco, fundadora do município da Lapa, Paraná. Nesta família, nasce David dos Santos Pacheco, mais conhecido como Barão dos Campos Gerais, detentor de muitas terras no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em suas fazendas, fez-se senhor de escravos, e finalmente tomou a iniciativa de alforriá-los em 1880, por ocasião da visita do Imperador D. Pedro II em sua casa, na Lapa.

Somente em 1985 é que seus descendentes vendem a fazenda para uma empresa transnacional de nome INCEPA, que atua no ramo da produção de cerâmicas de luxo para acabamento na construção civil.

Em 1995, em audiência com o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, os dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST - apresentam uma solicitação de que fossem disponibilizadas para fins de Reforma

Agrária as terras de empresas que tivessem dívidas com a Previdência Social. Com esta pauta aceita, incluiu-se o caso da empresa INCEPA.

No dia 07 de fevereiro de 1999, cerca de 40 famílias que até então moravam próximo a cidade da Lapa ocupam a cede da antiga Fazenda Santa Amélia. Com o passar dos dias foram chegando mais famílias de diversas regiões do estado do Paraná, para somar-se com as 40 que já estavam com seus barracos de lona construídos. Essa ação levou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a instruir o processo de desapropriação da então Fazenda, que foi entregue às famílias Sem Terra em ato de emissão de posse no dia 07 de dezembro de 1999.

O Assentamento Contestado está constituído por 108 famílias, tendo área total de 3.180 hectares, onde as famílias estão organizadas em núcleos de vizinhança com média de 10 famílias cada.

Em cada núcleo, há um homem e uma mulher eleitos para a função de coordenadores, enquanto os demais membros ocupam funções nas equipes de produção, educação, saúde, comunicação e cultura, infra-estrutura, formação e finanças. A coordenação geral e todas as equipes têm duas reuniões ordinárias por mês, e dessa forma gestionam os interesses e as necessidades das famílias assentadas.

Dentre as 108 famílias, 46 estão em adiantado processo de transição agroecológica de produção, enquanto que as demais estão iniciando com algumas experiências ou praticam a agricultura convencional, ou seja, com o uso de agrotóxicos.

Para a organização em relação à produção foi criado uma cooperativa denominada “Grupo de Cooperação e Produção Terra Livre”, que por sua vez, faz reuniões, estudos, acompanhamento da certificação e comercialização. Essas famílias desenvolvem produção de hortaliças, grãos, pequenos animais, e produção de leite.

Aproximadamente os 3.180 hectares estão distribuídos da seguinte forma: 1.240 hectares é área de reserva legal, com floresta nativa e campos nativos; 1.020 hectares são distribuídos em lotes familiares para fins agropecuários; 773 hectares de reflorestamento, com eucalipto e *pinus* – esta área é de gestão coletiva das 108 famílias; 167 hectares é área imprópria à produção.

O Assentamento apresenta amplos recursos hídricos em seu interior, e é por extenso trecho, costeada pelo Rio Iguaçu. As famílias estabeleceram avançado

acordo de preservação ambiental, fixando regras no regimento interno do Assentamento, incluindo a proibição da caça, o que tem favorecido a reprodução da fauna silvestre, que é numerosa, uma vez que encontra amplo espaço seguro de sobrevivência com farta alimentação natural.

O Centro Cultural Casarão é mais uma grande conquista do MST, é um projeto que vem ao encontro da proposta de Reforma Agrária Popular e a partir de muito esforço coletivo vem se materializando e ganhando corpo e visibilidade tanto para as famílias do Assentamento Contestado quanto para o MST. O Casarão é uma construção do século XIX mais precisamente do ano de 1835, de arquitetura estilo colonial.

A estrutura foi erguida com mão de obra escravizada, feita de pau-a-pique e taipa francesa. Por quase dois séculos a fazenda e o casarão pertenceram à linhagem familiar do Barão dos Campos Gerais (1893 a 1986).

O Casarão já teve diversas formas de uso, primeiramente foi moradia do Barão dos Campos Gerais e família, sendo testemunha de muita violência muito sangue negro derramado dos que eram escravizados. No ano de 1986 a fazenda foi vendida a INCEPA indústria de cerâmicas do Paraná, que permaneceu como proprietária até o ano de 1999, a empresa restaurou o Casarão, pois o mesmo já se encontrava em condições precárias. Com esse processo de reforma muitos elementos de sua originalidade se perderam.

Durante o período que esse território pertenceu a INCEPA o casarão foi transformado em “Museu do Tropeiro”, e em “Casa da Memória da Empresa”, onde ficavam expostos os quadros e troféus da mesma.

No ano de 1999 o MST ocupa esse território e re-significa toda a forma de uso que vinha acontecendo aqui, um território anteriormente explorado, passa a ser um espaço de luta e resistência, principalmente pela memória dos trabalhadores e trabalhadoras que aqui lutaram e tombaram no caminho.

O Movimento Sem Terra transforma o casarão num espaço educativo e de efetivação de seus processos organizativos. Torna-se um espaço coletivo multiuso para fins onde aconteciam aulas, reuniões, palestras, seminários, cursos de curta e longa duração, festas, atos políticos e artísticos, dentre outras atividades.

Porém ao longo de 15 anos de assentamento as famílias só foram utilizando o espaço, sem se preocupar muito com a manutenção do mesmo. O Casarão se deteriorando seja por mau uso ou pelo processo natural de envelhecimento.

Foi precisamente no ano de 2014 durante o “Curso de Agentes Culturais com ênfase em Dança” é que as pessoas da comunidade ali presente começaram a olhar para esse espaço de forma diferente. Primeiramente surgiu a necessidade de um processo de restauração e reforma, mas uma segunda questão que aflorou foi da finalidade desse espaço, levando em consideração seu processo histórico e sua bagagem cultural ao longo desses dois séculos.

O processo de captação de recurso, elaboração de projeto e aprovação do processo de reforma até o momento de término da obra, durou 5 anos. O projeto para captação de recurso originou-se de uma emenda parlamentar, que por conta da falta de profissionais para elaboração do projeto no prazo estimado, a elaboração do projeto era por conta dos funcionários do INCRA (Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária), porém estes não deram conta de concluir, por não conseguir finalizar o projeto o recurso da emenda parlamentar foi devolvido. Após longos diálogos o INCRA assume com orçamento próprio o projeto de reforma do Casarão, o recurso veio do INCRA Nacional de Brasília. Foi um período de muitos esforços coletivo para que essa conquista se concretizasse.

Muitas foram as dificuldades postas e encontradas durante esse processo, porém a luta por um espaço de Arte e Cultura dentro de uma área de Reforma Agrária sempre foi maior. Concomitante ao processo burocrático da reforma, outro desafio foi se estabelecendo, o diálogo com o conjunto das famílias sobre a finalidade desse espaço e da importância de um espaço de Arte dentro de um Assentamento. A construção do sentido desse espaço deveria ser uma construção coletiva. Por mais que a demanda de ressignificar esse espaço tenha partido de algumas famílias assentadas nesse território, sabíamos que o processo de diálogo e construção coletiva do Centro Cultural Casarão não seria nada fácil.

Assim como o modo de produção capitalista e as classes dominantes exercem seu poder de dominação, exploração e opressão através da política e da economia, ela também o faz na cultura dos povos. O campo simbólico e ideológico é um importante território imaterial a ser disputado com o capital na correlação de forças.

Historicamente a classe trabalhadora foi privada do direito ao acesso à arte, tendo como única opção a arte comercial e os bens culturais sendo oferecido aos montes pelo capital. A arte, assim como a cultura no seu modo geral é fonte de identidade de uma comunidade, faz parte do próprio autoconhecimento, da memória, da compreensão da realidade e principalmente da autoafirmação de um povo que

resiste enquanto seres humanos criadores de sua própria existência. (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

O objetivo e finalidade deste espaço é aportar o primeiro Equipamento Cultural para as áreas de Reforma Agrária do Paraná, tendo estrutura para aulas, produções e apresentações das diferentes linguagens artísticas como teatro, dança, música, artes visuais, circo, literatura e cinema.” (KORCZAK; NOTÁRIO; SANTOS E TUNINI, 2019).

Atualmente no Centro Cultural Casarão desenvolve atividades como cinema uma sessão por mês com filmes diferenciados (animação, latino, cine-arte e cinema da terra). Também tem como objetivo realizar uma atividade cultural mensalmente com grupos de artistas parceiros, sendo estas de dança, música, teatro, circo, etc. O Centro Cultural também vem garantindo o acesso às artes visuais, onde são montadas exposições de obras, quadros e fotografias. Atualmente, o Casarão encontra-se em sua segunda exposição. Estes trabalhos são de artistas militantes parceiros na luta pela Reforma Agrária. Também são realizadas oficinas de bordado em parceria com o Coletivo de Mulheres do Assentamento, e no mês de outubro terá início as aulas de cantos e instrumentos musicais (violão, pandeiro, piano).

Além de ser um espaço multiuso, o Centro Cultural Casarão é também um grande “Memorial da Luta pela Terra”. Pretende-se trazer presente os diversos ciclos de luta pela terra existente nesse território desde os povos originários indígenas até o momento atual, sendo um espaço de exposição permanente de acervos como documentos históricos, fotos, documentários, ferramentas de trabalho e demais objetos que demarquem e registrem as lutas e as trajetórias dos povos aqui existentes. Desde o início de 2015, vem ocorrendo reuniões entre o Museu Paranaense e o Setor de Cultura do MST (PR) para a criação de um Memorial da Luta pela Terra no território do Contestado. Esse memorial será localizado no Centro Cultural Casarão.

Os quatro eixos que têm orientado as discussões e que embasarão o memorial são:

- Populações indígenas originais retiradas da área;
- Escravidão (pois a fazenda, de propriedade do maior tropeiro do Paraná, tinha vários escravos, existindo ainda indícios de senzalas a serem prospectadas no local);
- Guerra do Contestado (que dá o nome ao Assentamento);

- A história do Movimento Sem Terra no Paraná (passando pelos vários conflitos pela luta pela terra, como o de Porecatu, a Revolta dos Posseiros do Sudoeste e os movimentos dos atingidos por barragens, entre outros).

Da parte do Museu Paranaense, a contribuição será orientar os demais integrantes da Comissão a desenvolver pesquisas sobre os tópicos acima, e fornecer materiais bibliográficos, artigos, objetos e imagens para a composição museológica do Memorial. Mais adiante, viabilizar a produção de folders, banners, painéis, vitrines e demais insumos para a exposição. Por fim, uma publicação de um livro com o resultado das pesquisas, para distribuição pelo Setor de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Diante de tudo que já foi relatado cabe reforçar a arte como um instrumento político de luta e resistência com a sua intencionalidade e capacidade transformadora, pois a cultura deve ser entendida como sendo tudo o que existe transformado na natureza pelo esforço humano e que faz sentido de existir. Desde a produção de ideias e representações da consciência que está diretamente ligada à atividade material e com a linguagem da vida real, de tudo que fazemos para produzir e reproduzir nossa existência, partindo do trabalho, nossos valores, relações e elementos que expressam nosso dia a dia. A nossa cultura é forjada na luta, e no modo de vida como: o que produzimos, como produzimos, onde moramos, estudamos, nosso cuidado com alimentação com a saúde do corpo e da mente, como convivemos em comunidade, nas nossas casas nos espaços coletivos na sociedade. Também se expressa no que nos escutam, assistimos, dançamos, e no cuidado com os sujeitos da nossa comunidade como crianças, jovens e idosos. A forma como conduzimos a vida e nos organizamos para a Luta.

CAPÍTULO III – POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO CENTRO CULTURAL CASARÃO

Desconfiai do mais trivial, na aparência singela.
 E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
 Suplicamos expressamente:
 não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
 pois em tempo de desordem sangrenta,
 de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
 de humanidade desumanizada,
 nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht (Nada deve parecer impossível de mudar).

A necessidade de debater a questão da arte, da produção artística em si, bem como sua relação com a cultura no MST, aflora em meados dos anos 1990. Desde então sua importância veio sendo reafirmada, assim como a constituição de Coletivos de Cultura, sejam eles locais, estadual ou nacional. O objetivo inicial para estes coletivos era o de estudar as categorias e conceitos referentes à arte e à cultura na luta social, e também o de organizar as produções artísticas acumuladas até então, e socializá-las para o conjunto do MST.

Porém, a realidade atual demanda e exige novos desafios. O emergir das lutas atuais nos faz indagar, mais do que ter respostas. Questões como: Atualmente o que o MST compreende por cultura? Qual o seu papel no MST e na luta de classes? Qual a importância da produção artística produzida por militantes do MST?

A realidade está posta e como dito anteriormente nos exige compreensão e ação. Entender a Arte como um elemento importante dentro do Assentamento Contestado vem sendo um grande desafio.

É com o desenvolvimento do ser humano e da sociedade que podemos perceber como a arte não pode ser elevada, colocada à parte, ao lado ou acima na formação de homens e mulheres mais humanizados. A arte encontra-se enraizada em seu tempo, nas contradições de seu período, e por isso mesmo pode tornar-se uma ponte para o devir, para a utopia. Como afirma Fischer (1971):

Um artista só pode exprimir a experiência daquilo que seu tempo e suas condições sociais têm para oferecer. Por essa razão, a subjetividade de um

artista não consiste em que a sua experiência seja fundamentalmente diversa da dos outros homens de seu tempo e de sua classe, mas consiste em que ela seja forte, mais consciente e mais concentrada. (FISCHER, 1971 p.56)

O desenvolvimento da arte e do artista na sociedade está ligado a processos da realidade humana desses sujeitos. Dessa forma as experiências de cada momento histórico carregam as influências das forças produtivas, a progressiva divisão do trabalho, a propriedade privada e o mercado capitalista. E nessa vivência o artista e a arte necessitam posição e qual seu campo de atuação. A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser humano mais completo. A arte capacita o ser humano para compreender a realidade e transformá-la, a arte como um instrumento de humanização. Para que possamos entender o processo cultural e o papel da arte no nosso tempo, num momento de crise que vivemos do estado capitalista, a arte e a cultura só tem sentido se forem uma arte e uma cultura contra esse processo de desumanização e desconstrução. Pois a arte e a cultura precisam estar articuladas na relação artista, intelectual e a luta de classes.

Diante desta realidade, cabe aqui algumas reflexões sobre as potencialidades do Centro Cultural Casarão, pois quando o MST define que a Reforma Agrária Popular é nosso projeto em curso. O casarão tem como tarefa fazer com que a comunidade compreenda a conquista da terra como um modo de vida que traz presente as várias dimensões da luta social: saúde, educação, produção agroecológica, comunicação popular, a partir do viés da cultura e da arte.

O Centro Cultural tem como potencial esse estímulo de estudar. Compreender que o modo de produção do agronegócio está articulado a Indústria Cultural, a construção de um espaço coletivo para uso das famílias.

Centro Cultural é:

* É um espaço que conserva, difunde as artes e expõe testemunhos materiais produzidos pela humanidade, proporcionando o contato com diversas manifestações artísticas que, por sua vez, ampliando o olhar crítica sobre a cultura e outros aspectos da vida em sociedade.

* Dentre tais, o Centro Cultural, reúne diversas atividades e manifestações artístico-cultural em um só espaço, como música, teatro, artes visuais, artes cênicas, literatura, além de muitas vezes promover oficinas e cursos ligados às linguagens artísticas.

* É também espaço para fazer articulações de atividades culturais, que promovam a produção e distribuição das ideias da classe trabalhadora. E que proporcionam a vivência da arte e da cultura através de suas múltiplas linguagens fornecendo os elementos necessários à criação de novas iniciativas de produção da arte por parte das famílias assentadas, que estas se reconheçam como protagonistas do processo. (SISTEMATIZAÇÃO DO COLETIVO DE CULTURA)

Ao longo destes 20 anos de Assentamento foi se percebendo que não bastava só a terra, a conquista da escola da cooperativa, fomos percebendo que existe muita contradição, já que a educação vem num processo mais avançado de compreensão de escola do campo de formação das nossas crianças, a produção de alimentos livre de transgênicos e sem agrotóxico, a saúde com as terapias naturais articuladas à alimentação saudável e ao modo de vida do camponês. E diante desta realidade é fundamental um trabalho para superarmos a postura de meros consumidores de valores e bens culturais produzidos pelo capital.

Para resistirmos fez se necessário a materialização de um espaço voltado à cultura dos povos do campo, um espaço de Arte, pois a Arte adentra o MST como uma expressão necessária na construção da nova sociedade, pois não poderíamos se contentar como espectadores da produção da indústria cultural (filmes, músicas, livros, teatro), que não tem nenhuma relação com a nossa realidade, nossa experiência de vida, a nossa luta. E é nesse sentido que o Casarão se apresenta como uma construção coletiva e estratégica para o Movimento Sem Terra.

Porém nessa construção, sua materialização vai muito além de um espaço físico, mas sim um espaço imaterial de disputa ideológica, de projeto de sociedade. As contradições se apresentam a todo instante. Deste modo cabe a nós identificar as questões centrais de enfrentamento à indústria cultural que vem nos afetando diariamente, seja numa conjuntura mais ampla, seja na relação cotidiana com os sujeitos da comunidade.

Precisamos avançar em algumas questões, entre elas, nas críticas em relação à divisão social do trabalho, onde o artista, o tocador, o cantador tem um dom destinado para essa tarefa e é considerado o animador de reuniões e plenárias, a distração e o entretenimento. O artista é visto como um ser não intelecto e estratégico (agora não estamos fazendo discussões e reflexões, é hora de ouvir música). Muito pelo contrário, todo militante pode ser artista, pode desenvolver suas potencialidades estética cultural, e todo artista que está inserido na organização tem o compromisso

de ser um militante comprometido com a luta. Numa compreensão que nenhum é superior ao outro nas suas qualidades.

Superar a lógica do espetáculo, da reprodução cultural do agronegócio, e da mercantilização na produção cultural dos povos do campo. O Casarão como um Equipamento cultural com o papel de pensar processos de formação voltados à Arte, que as intervenções tenham sentido, articuladas à realidade e à luta de classe. Que as expressões, como elementos simbólicos da nossa cultura, tragam sentimentos, sensações, reflexões, e não a influência das práticas já estabelecidas pela indústria.

Outro elemento que se apresenta como dificuldades na manutenção desse espaço, são as contradições no acesso às políticas públicas, pois estas estão à serviço da Indústria Cultural, não possibilitando pensar processos de formação. O desafio de combater o assédio da Cultura do agronegócio, que dissemina muito bem suas propagandas e como deve ser a vida no campo voltado a produção hegemônica.

Também se apresenta como o desafio de realizar programas de formação que atenda as especificidades das famílias assentadas e da militância como um todo. Formação esses que tenham processos mais longos desde a compreensão do papel político da arte nos nossos territórios, e que essas não sejam só para cumprir uma tarefa específica, um encontro, seminário, jornada, festivais e cursos. Que as intervenções artísticas não cumpram um papel de passar o tempo, distrair, mas sim numa visão mais ampla da questão cultural desde seus aspectos históricos, metodológicos e teóricos.

São muitos os limites encontrados nesse processo, a necessidade de conhecimento especializado da área, voltado às linguagens artísticas (dança, música, teatro, circo, artes cênicas), tudo isso articulada a uma visão ampliada dos processos formativos dos sujeitos Sem Terra. A dificuldade financeira de manter e liberar militantes para atuar nas tarefas da cultura, muitos militantes se formam na área da cultura e acabam atuando em outras frentes de trabalho, outros setores.

Sobre a participação da comunidade nas agendas do Casarão, o coletivo responsável tem feitos muitos esforços no sentido de divulgar, convidar, propagar as atividades a serem realizadas, para que todas as famílias tenham conhecimento e possam ter acesso às atividades coletivas propostas, porém um dos limitantes é essa participação, que ainda acaba acontecendo de forma fragmentada, ao pelas parcerias estabelecidas, com as escolas (Municipal, Estadual e ELAA).

Mas compreendemos que esse é um dos grandes desafios a serem superados, o da busca incessante de que as famílias assentadas, esses sujeitos que tiveram essa dimensão da vida historicamente negada, possam ter acesso à Arte, à produção da Arte, produzindo uma nova cultura. É nosso compromisso com a luta de classe essa busca de construir e trabalhar com as famílias a importância da participação delas neste espaço, fazendo com que elas se sintam parte, valorizando as manifestações culturais já existentes nesse território, a cultura local destes povos. Construir coletivamente com as famílias ações formativas, estimular a participação nas instâncias e espaços de discussão, resultando assim em processos de organicidade interna, e visualizando o Casarão como um grande instrumento de luta e resistência frente ao projeto neoliberal de sociedade, contra as ofensivas do agronegócio em nosso território.

O Casarão conta hoje com um coletivo de quatro mulheres que atuam direta e indiretamente nesta frente de trabalho, cujas funções vão desde os mais estratégicos aos mais operativos. São funções desse coletivo: escrever projetos para captação de recursos; estabelecer parcerias; encabeçar a construção da identidade e da referência deste espaço dentro do MST; fazer articulações com artistas populares, militantes e parceiros; garantir o planejamento das agendas culturais (cinema, apresentação de artistas, oficinas, aulas, cursos de formação, escola de arte, exposições); a manutenção do espaço físico como limpeza interna e externa e reformas; organização do espaço e materiais; receber grupos de visitantes mostrando o espaço, contando sua história e como se deu o processo de construção desse Equipamento Cultural³.

Resumindo, é um coletivo bem pequeno que desempenha tarefas nos Centro Cultural Casarão, mas não exclusivamente nele, para além, desempenha atividades na comunidade. Isso acaba sendo um limitante, pois acaba em alguns momentos comprometendo a qualidade das atividades, e sobrecarregando o coletivo de tarefas.

São muitas as potencialidades, e os desafios que permeiam a discussão referente ao Centro Cultural Casarão, entendemos que o momento requer um olhar ainda mais minucioso para esse espaço, onde o conjunto do MST tem o compromisso de assumir o debate do papel da Cultura na construção do projeto de Reforma Agrária Popular, e como ela se apresenta dentro dos acampamentos, assentamentos e

³ Recebemos grupos toda semana que é articulada a escola Latino e ao Assentamento.

centros de formação. Discutir seu papel na construção de um novo modelo de produção, de relações sociais, e no próprio diálogo entre campo e cidade, estabelecendo práticas educativas em espaços formais e não formais. Forjando novos sujeitos, o novo homem a nova mulher, que surgem carregados e significados, valores, simbologias, ressignificando suas ações seu modo de vida. Precisamos refletir sobre o caminho que percorremos até aqui, e a necessidade de reorganizar nossa atuação e realinhar as nossas forças para manter a luta e a construção de uma Política Cultural do MST.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho permeia muitos conflitos marcados para refletir cotidianamente o desejo de prosseguir, aprendendo que é necessário, escrever, observar analisar e pesquisar coerentemente a partir dos ideais da classe trabalhadora excluída todos os dias do acesso e da produção do conhecimento socialmente produzido pela humanidade. Neste sentido, é fundamental que a produção do conhecimento seja comprometida com a transformação social na construção da nossa própria história. Fazendo uma análise, tenho a consciência dos limites que permeou esse estudo e que não foi possível alcançar o êxito na elaboração mais aprofundada de análises acerca das categorias que o nortearam. Foram início de reflexões que se encontram em processo de construção e abertas para serem questionadas no sentido de potencializar e avançar na compreensão individual e coletiva de quem é esse sujeito da cultura.

O MST tem sua produção cultural, desde sua formação em 1984, de acordo com as relações sociais de produção de seu tempo. Desde o início vem criando símbolos, simbologias, canções, poesias, desenhos, obras, para materializar e registrar a luta cotidiana nos acampamentos, assentamentos e ações coletivas. As formas de organização desde a ocupação, as marchas, o hino, a bandeira, os cursos, a organização da vida nos assentamentos a produção sem agrotóxicos que respeita a natureza, a construção da identidade do ser Sem Terra. A arte traduz a realidade do campo, como território em disputa, a necessidade da conquista e do uso da terra a terra, do trabalho coletivo, e o anseio pela transformação da realidade.

A cultura, no Assentamento, se apresenta como um elemento importante que possibilita cooperar no avanço da consciência social, na perspectiva de classe, e realizar projeções para a construção na nossa própria história onde somos os sujeitos construtores, onde estes sujeitos (individual/coletivos) consigam perceber novas possibilidades de organizar a vida, além da relação com a natureza. Construindo e reconstruindo permanentemente sua cultura e, conseqüentemente, seu modo de vida sociedade. A partir destas experiências e vivências, a arte se coloca como mediadora para essas famílias, sendo fonte de criação e de manifestação dentro do espaço onde vivem, com objetivo de contribuir na reflexão sobre o próprio território e as relações para além do local, possibilitando novas visões sobre a prática dos militantes.

Cabe aqui reafirmar que a disputa de território material e imaterial no campo da Arte é ainda maior, o poder hegemônico atua em um sistema que deforma a produção material e a da produção do conhecimento elaborado historicamente pela humanidade. Ele precisa fabricar meios de produção cultural e sua ideologia em todas as dimensões da vida, e é a produção da Arte comandada pela Indústria Cultural que cumpre o papel de naturalizar a lógica do espetáculo onde o povo deve ser somente espectador da história, sem construir sem atuar, apenas ter contato e reproduzir para manutenção de um sistema excludente e desigual.

Diante deste cenário, a sensação de que é impossível avançar nos incomoda, mas reconhecemos que conseguimos nos colocar enquanto sujeitos coletivos e históricos, buscando construir novos processos a fim de se produzir pensamento crítico e criações artísticas, na luta cotidiana da construção de uma produção cultural contra-hegemônica, produzida pelos povos do campo para os povos do campo e à serviço da humanidade. Como apontado num documento produzido pelo Setor de Cultura do MST (2005):

[...] queremos a democratização e a popularização da cultura no país. Fortalecer os espaços de trocas culturais promovendo o acesso popular aos teatros, cinemas, exposições, sinfonias, amostras, apresentações folclóricas e festas tradicionais que celebrem a vida, a luta, a solidariedade e a diversidade do povo brasileiro. (SETOR DE CULTURA DO MST, 2005)

Para finalizarmos estas considerações cabe ressaltar que para o Assentamento Contestado, o Centro Cultural Casarão é um elemento importante pra comunidade, para o fortalecimento da nossa cultura enquanto sujeitos do campo, no resgate e fortalecimento da identidade Sem Terra. Compõe uma unidade de frentes

estratégicas na construção da Reforma Agrária Popular, mesmo diante de tantas limitações, ele se coloca pra nós como uma esperança em meio a tantas injustiças acontecendo nos nossos territórios. Se nos colocarmos enquanto sujeitos construtores da nossa própria história, nossa própria cultura, esse espaço pode tornar-se uma referência pro mundo, onde os sujeitos Sem Terra protagonizam a própria vida.

A construção deste Centro Cultural é como uma dívida histórica de todos os povos que aqui viveram e lutaram pela terra, e podermos aprender com todo o acúmulo das lutas travadas antes de nós. Re-significar esse espaço, que foi palco de tanto sofrimento e injustiça, para nós já é uma grande conquista. Aos poucos vamos construindo ações que vão potencializando nosso modo de cultivo da terra, o cuidado com as sementes, a festa da colheita, as místicas, os cantos, as danças, os poemas, as palavras de ordem, compreendendo toda essa dimensão como ações culturais.

Finalizamos aqui com o pequeno trecho de uma obra clássica de Marx e Engels (1986) que nos anima na longa caminhada pela emancipação humana: “Falar em revolucionar uma sociedade significa que, no bojo mesmo da velha sociedade formando-se elementos da nova sociedade e que a queda de velhos conceitos acompanha a queda das antigas condições de vida”. (MARX e ENGELS, 1986, p. 34)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, C. S. **Globalização e Cultura** – Caminhos e descaminhos para o nacional popular na era da globalização. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BOGO, A. O papel da cultura no Movimento Sem Terra. In: **O MST e a Cultura: enraizar é fundamental**. Bahia: [S.N.], 2002. Mimeo.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. Caderno de Formação No. 34. 3 ed. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009.

CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. (Orgs.). **Princípios e perspectivas da Agroecologia**. – IFPR - Instituto Federal de Educação.

CHAUÍ, Marilena. **Um Convite a Filosofia** 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Cultura e Reforma Agrária Popular**. Caderno de Cultura Nº 1. SP: Coletivo nacional de Cultura do MST, Setembro de 2018.

FISCHER, Ernest. Tradução de Leandro Konder. **A necessidade da arte**. Rio de

Janeiro: Zahar editores, 3 ed. 1971.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

KORCZAK, M.; NOTÁRIO, J. C.; SANTOS, A. C. dos.; TUNINI, S. J. **Contestado: conquistas e desafios**. Inventário da Realidade. Trabalho do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus Pensadores. Matinhos: UFPR, 2018/2019, 46p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Global Editora: 1986, p. 34.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava Gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005